

A LEITURA NA ERA DA WEB 2.0

Solimar P. Silva (UNIGRANRIO)
solimar.silva@unigranrio.com.br

As novas tecnologias da comunicação e da informação (NTICs) têm proporcionado novas formas de nos relacionar, agir e viver. Tudo é mais rápido e disponível a um simples clique de dentro de nossas casas. Conhecemos pessoas, compramos, estudamos, nos entretemos e mais uma infinidade de coisas que nos são possíveis com o advento tecnológico, especificamente da internet, à nossa inteira disposição. Tão fácil que podemos, muitas vezes, não nos dá conta dos milhões de pessoas que sequer têm acesso a um computador, tampouco internet, ainda que discada e, portanto, mais lenta.

Na realidade, nesse contingente vamos encontrar muitos professores que estarão à parte das inúmeras possibilidades que a Web 2.0 descortina para que o ensino da leitura e da escrita acompanhe o ritmo do mundo virtual, de forma multi e hipertextual e midiático. Por isso, o objetivo deste artigo é trazer à tona algumas reflexões acerca de que maneira a leitura sofre mudanças em ambientes digitais, a fim de que estejamos mais bem preparados para ensinar nossos alunos a transitarem no ambiente online com mais facilidade.

Chartier (2002, p. 21) diz que “o mundo da comunicação eletrônica é um mundo da superabundância textual, cuja oferta ultrapassa a capacidade de apropriação dos leitores”. Uma rápida consulta no Google, sobre qualquer tema, nos dá uma ideia disso. Só em língua portuguesa, muitas vezes nos deparamos com milhares, senão milhões, de páginas sobre determinado assunto. Se levarmos em consideração que o número de páginas em língua portuguesa na internet é ainda bastante tímido, pois nossa participação na web é de cerca de 1 a 4% de todo o conteúdo disponível (ALMEIDA, 2008, p. 96-97), percebemos o grande oceano de informações no qual se pode afogar se não se souber como ler nesse novo ambiente.

Essa grande oferta é ainda maior, visto que os textos se interrelacionam através do hipertexto, o qual se caracteriza justamente, entre outros pontos, pela não linearidade. Em um texto impresso, normalmente temos uma sequência que será lida do começo ao fim. Embora a noção de não linearidade não seja peculiar ao texto digital, pois o impresso tam-

bém pode permitir esse tipo de leitura, concordamos com Costa (2008, p. 40) quando diz que

[o] hipertexto é um conjunto de dados textuais, que tem um suporte eletrônico, e que podem ser lidos de diversas maneiras, por diversos caminhos (...) O texto propõe ao leitor um percurso fixo. Já o hipertexto permite ao leitor constituir progressivamente um conjunto fugaz de elementos textuais, sempre que o desejar.

Percebemos que “em virtude da tecnologia recente, a leitura também está aparecendo em contextos nos quais a palavra escrita era escassa” (FISCHER, 2006, p. 292). O autor exemplifica esse ponto ao citar as salas de bate-papo, que são baseadas na leitura, e aponta que os grupos e reuniões sociais passaram à tela do computador, além das mensagens de texto estarem se tornando cada vez mais populares, fazendo com que a comunicação pela leitura se sobreponha à comunicação oral.

Só essas características são suficientes para percebermos que a leitura feita na tela é diferente daquela feita através de um texto impresso. Desta forma, o acesso à leitura não pode se dar apenas com a introdução de equipamentos eletrônicos nas escolas. Não é suficiente apenas investir em *hardware* ou *software*. É preciso maior investimento e tecnologia de ponta em *peopleware*, ou seja, professores, mediadores de leitura, bibliotecários, etc. que saibam utilizar as ferramentas da Web 2.0 para auxiliar os alunos em seu letramento digital. Não pode ser uma relação de “um cego guiando outro”.

A esse respeito, Silva toca na ferida do sistema educacional brasileiro, ao nos alertar que

caso se imitem as mesmas políticas utilizadas até agora na esfera da aquisição e distribuição de materiais impressos às escolas brasileiras, é mais do que certa a morte (súbita ou lenta) da chamada “inclusão digital”, fazendo com que os computadores rapidamente enferrujem, semelhantemente ao que ocorreu e ainda ocorre com muitos outros equipamentos distribuídos pelo MEC, às escolas. Quer dizer: *sem preparo e adequação da escola*, sem que organização escolar esteja objetivamente preparada para receber as novas tecnologias, os investimentos até poderão contentar os fabricantes de computadores e de softwares, tal qual vem contando os editores de livros, mas *em nada afetarão as rotinas de se produzir o ensino nas escolas*. (SILVA, 2008, p. 119 – grifos nossos).

Muitos professores sequer tem um endereço eletrônico. Portanto, é necessário que eles, pelo menos, estejam digitalmente letrados, a fim de que consigam melhor aproveitar os recursos disponíveis. Afinal, agora o leitor tem uma relação mais ativa com o texto, podendo “consultar os do-

cumentos (arquivos, imagens, palavras, música) que são os objetos ou instrumentos de sua pesquisa” (CHARTIER, 2002, p. 108)

Além disso, o leitor exerce também autoria, posto que ele pode editar o texto – deslocando blocos, acrescentando informações, retirando partes, etc. (CHARTIER, 2008; LÉVY, 2009). Acrescente-se que, além de um enfoque mais ativo do papel do leitor-autor, o suporte digital descortina diante de nós a possibilidade da leitura e da escrita colaborativa, interativa, coletiva, em que os textos serão conectados “uns aos outros por meio de ligações hipertextuais”. (LÉVY, 2009, p. 33). A leitura eletrônica permite leituras coletivas e, ainda, propicia a oportunidade de criação de maior interferência no texto, através das ligações hipertextuais. Afinal, “toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular” e a “hipertextualização multiplica as ocasiões de produção de sentido e permite enriquecer consideravelmente a leitura (LÉVY, 2009, p. 31 e 33).

Esse mesmo autor diz que, no mínimo, o leitor da era tecnológica participa da edição do texto que ele lê, determinando sua organização final e, ao abordar a questão do leitor-autor que assim se torna através da estruturação de um hipertexto, Lévy afirma que “os leitores não apenas [modificam] as ligações”, mas também podem

acrescentar ou modificar (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. (LÉVY, 2009, p. 35-36)

Assim, ainda segundo esse autor, temos uma troca de papéis entre a escrita e a leitura, pois todo aquele que participa da estruturação do hipertexto é um leitor e, a partir do hipertexto, toda leitura se tornou um ato de escrita. Afinal, como afirma Snyder (1996, *apud* LAJOLO & ZILBERMAN, 2009, p. 37), “um hipertexto é construído em parte pelos escritores, que criam os links, e em parte pelos leitores, que decidem que cadeia seguir”.

Os nativos digitais, ou seja, aqueles que nasceram a partir de 1995, período em que os avanços tecnológicos já estavam consolidados, geralmente têm acesso a computador e internet em seu cotidiano, seja em casa, como amigos ou através das LAN houses. É uma geração cuja característica principal é a facilidade com que consegue realizar múltiplas tarefas simultaneamente. Por exemplo, ao estarem conectados à internet, podem conversar com vários colegas ao mesmo tempo através do *Skype* ou *MSN*, enquanto ouvem música, fazem *download* de algum filme, pos-

tam comentários em *blogs* ou nas redes sociais como *Facebook*, *Orkut* ou *Twitter*, jogam com outras pessoas algum jogo *online* e ainda fazem aquela pesquisa para a escola.

O exemplo acima é apenas uma mostra das alterações mais evidentes que a leitura na era digital está provocando, ainda que haja críticas a essa leitura considerada superficial e fragmentada. Chartier (2002, p. 31) diz que essa leitura, na tela, a torna desorientada ou inadequada diante de textos que pedem leitura contínua, atenta, com familiaridade com a obra.

Por outro lado, todas as mudanças ocorridas no mundo digital levam-nos a perceber a necessidade de se repensar o que entendemos realmente por leitura e apreensão de significados. É preciso modificar nossos conceitos e expectativas. A informação existe em abundância. Assim, o que o leitor da era da *web 2.0* necessita é da habilidade de transformar toda essa informação em conhecimento, exercendo sua criticidade ao se deparar com o texto escrito, a fim de selecionar “o joio do trigo” ao buscar informações na internet. Até porque, conforme nos lembra Lévy (2009, p. 39-40):

Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar ideias adquiridas a uma memória, então as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou de exteriorização dos processos de leitura.

Vislumbrando o futuro da leitura com a chegada da era eletrônica, Fischer (2006, p. 293) afirma que os adolescentes que acessam o “texto” virtual em todas as suas variações logo serão adultos com habilidades e tecnologias muito mais sofisticadas. São eles que determinarão o futuro próximo da leitura, o qual, ao que tudo indica, exigirá uma quantidade muito maior de leitura do que em qualquer outro período.

Lajolo e Zilberman (2009, p. 20-21) nos lembram que

É apenas por ocasião do ato de ler, isto, quando a linguagem confiada a letras, espaços e sinais de pontuação volta à vida através do olhar humano, que escrita e fala evidenciam o pacto que as entrelaça. Quando surgem novas escritas, parece que essa trama se torna mais misteriosa e, por isso, mais instigante. Mudando de pele, a escrita desafia o leitor, a quem cabe – por meio do gesto interpretativo da leitura – refazer o elo e retomar a parceria.

Desta maneira, devemos aproveitar o potencial da *web 2.0* para que a formação de leitores dessa nova era se dê de forma mais dinâmica e interativa, em redes intrincadas e complexas, que permitem não apenas a coconstrução do conhecimento, mas a construção do conhecimento atra-

vés da colaboração não apenas de um para muitos, isto é da transmissão dos saberes do professor par aos alunos, mas de muitos para muitos, em que todos os sujeitos da leitura se tornem, em algum momento, autores também, colaborando, construindo, trocando experiências. Só assim sairemos do singular e teremos o pluralismo de leituras necessário para que se dê conta dos significados múltiplos que não são ou estão, mas que surgem de acordo a interação entre as várias leituras e seus leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador (II). In: SILVA, Ezequiel Theodoro da *et al.* *A leitura nos oceanos da internet*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

MARCURSHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto e gêneros textuais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Formação do leitor virtual pela escola brasileira: uma navegação por mares bravios. In SILVA, Ezequiel Theodoro da *et al.* *A leitura nos oceanos da internet*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.